
SOCIEDADE ISRAELITA DAS SENDAS ANTIGAS - SISAEN

ARTIGO ACADÊMICO / TEOLÓGICO

**O Messias e a Reversão da Rebelião dos Vigilantes:
Uma Leitura do Novo Testamento à Luz da Literatura do Segundo
Templo**

Por Sociedade Israelita das Sendas Antigas

Introdução

Nas últimas décadas, os estudos sobre o Judaísmo do Segundo Templo têm demonstrado que muitos textos do Novo Testamento (Escritos Nazarenos) foram escritos dentro de um universo teológico e cosmológico muito mais amplo do que a exegese pós-Illuminismo costuma pressupor. Obras pseudepígrafas como 1 Enoque, o Livro dos Jubileus, bem como os Manuscritos do Mar Morto (Qumran), preservam tradições hermenêuticas que lançam luz sobre passagens enigmáticas dos Evangelhos e das Epístolas Apostólicas. Nesse contexto, estudiosos como Michael S. Heiser sustentam que os autores do Novo Testamento pressupunham esse pano de fundo ao apresentar Yeshua como o Messias prometido.

Uma das principais teses dessa abordagem é que a missão salvífica do Messias não consistia apenas em reverter a queda original de Adão (Gênesis 3), mas também em dismantelar a corrupção cosmológica e moral produzida pela rebelião dos Vigilantes (Watchers / Bene Elohim), descrita em Gênesis 6:1-4 e amplamente desenvolvida na literatura enoqueana. Para os judeus do primeiro século, o mal no mundo possuía uma matriz tripla: a mortalidade advinda de Adão, o ensino ilícito e a depravação disseminados pelos Vigilantes rebeldes, e o juízo de dispersão e subjugação espiritual das nações sob deuses menores na Torre de Babel (Deuteronômio 32:8-9).

Sob essa perspectiva, diversos episódios da vida e do ministério de Yeshua ganham contornos de uma guerra espiritual de reconquista e restauração do Reino de Elohim sobre a criação e sobre os gentios.

1. O Nascimento do Messias e os Sinais nos Céus: O Início do Fim dos Vigilantes

Para a mentalidade judaica do Primeiro Século, o nascimento messiânico não representava apenas o cumprimento de profecias dinásticas davídicas, mas o limiar da restauração da ordem cosmológica.

Em Romanos 10:18, o apóstolo Paulo emprega o Salmo 19:4:

"A sua voz correu por toda a terra, e as suas palavras até aos confins do mundo."

Embora a leitura tradicional veja na passagem uma metáfora para a expansão geográfica do Kerygma, Heiser argumenta que Paulo lê o Salmo 19 a partir da astronomia antiga e da teologia dos céus do Segundo Templo, fazendo eco ao cenário cosmológico delineado em Apocalipse 12:1-5 — onde a mulher vestida do sol e a coroa de doze estrelas dão à luz o Filho varão sob a oposição do Dragão.

Na cosmovisão enoqueana, os Vigilantes haviam pervertido o conhecimento dos astros ensinando a astrologia corrupta aos homens (1 Enoque 8:3).

O nascimento do Messias, acompanhado de sinais astronômicos legítimos (a "Estrela de Belém"), sinalizava que o próprio cosmos estava testemunhando contra a rebelião dos seres celestiais e proclamando a vinda do Rei divino que refaria a aliança estabelecida após o Dilúvio.

Para o autor do Apocalipse e os judeus letrados de sua época, o nascimento de Yeshua não foi um evento isolado na terra, mas o desfecho de um confronto cósmico antigo. Os sinais nos céus anunciavam aos 'principados e potestades' que a autoridade usurpada pelos Vigilantes e pelos deuses das nações estava sendo irrevogavelmente reivindicada pelo verdadeiro Filho de Deus.

HEISER, Michael S. Reversing Hermon: Enoch, the Watchers and the Forgotten Mission of Jesus Christ. Bellingham: Lexham Press, 2017, p. 62.

2. A Genealogia de Mateus e o Resgate da Linhagem Corrompida

A inclusão explícita de quatro mulheres no prólogo genealógico de Mateus (Mateus 1:1-17) — Tamar, Raabe, Rute e a "esposa de Urias" (Bate-Seba) — tem sido objeto de diversos debates exegeticos. Amy Richter demonstra que Mateus seleciona intencionalmente narrativas caracterizadas por ambiguidades sexuais, vulnerabilidade e interações entre israelitas e gentios.

Ao analisar a literatura enoqueana, observa-se que a transgressão dos Vigilantes em Gênesis 6 envolveu a união indevida entre o reino celestial e o humano através de atos de sedução e vestimentas adornadas (1 Enoque 8:1-2). Em sua pesquisa, Richter aponta que o vocabulário das tradições rabínicas e do Segundo Templo associadas às histórias destas quatro mulheres espelha os temas e motivos das transgressões sexuais dos Vigilantes.

Ao inserir tais mulheres na linhagem biológica e legal de Yeshua, Mateus demonstra que o Messias não apenas assume a humanidade em sua fragilidade, mas penetra no próprio cerne da história marcada pelas cicatrizes da corrupção ancestral, purificando a linhagem da aliança para a vinda do Redentor.

Mateus constrói sua genealogia usando intencionalmente nomes de mulheres cujas histórias refletem os temas de atração, transgressão de limites e redesenho de identidade encontrados nas tradições sobre os Vigilantes em 1 Enoque. Ao assim fazer, ele sinaliza ao leitor instruído que o Messias que nasce desta linhagem veio especificamente para desfazer e curar os efeitos dessas contaminações profundas na história de Israel e da humanidade.

RICHTER, Amy E. Enoch and the Gospel of Matthew. Princeton Theological Monograph Series. Eugene: Pickwick Publications, 2012, p. 118.

3. O Exorcismo em Basã (Gadara) e a Reconquista das Nações

O confronto de Yeshua com o demônio Legião na região dos gadarenos (Marcos 5:1-20) contém dimensões geográficas e espirituais profundas. A região ficava a Leste do Mar da Galileia, na zona de Decápolis — o antigo território do reino de Basã.

Na literatura veterotestamentária e nos textos do Segundo Templo (como os Targuns e textos qumranitas), Basã era vista como a "Terra dos Serafins/Serpentes" e a sede dos últimos reis gigantes (como Ogue de Basã, Dt 3:11), identificada diretamente com o Monte Hermon — o local exato onde, segundo 1 Enoque 6:6, os Vigilantes desceram para pactuar sua rebelião.

Quando o espírito imundo se identifica como Legião e clama a Yeshua perguntando: *Que tenho eu contigo, Yeshua, Filho do Deus Altíssimo?* (Marcos 5:7), o título empregado — Elyon (Altíssimo) — remete diretamente a Deuteronômio 32:8-9:

"Quando o Altíssimo (Elyon) distribuía as heranças às nações... fixou os limites dos povos segundo o número dos filhos de Deus. Porque a porção do Senhor é o seu povo; Jacó é a parte da sua herança."

Ao expulsar uma "legião" de espíritos imundos naquele solo profano e enviá-los para o abismo via precipício (mar), Yeshua realiza um ato profético de invasão de território hostil. Ele demonstra que o domínio do Deus Altíssimo estava retomando a herança das nações pagãs outrora entregues aos principados rebeldes.

Basã era o 'portal do inferno' na cosmovisão do antigo Oriente Médio e do judaísmo do Segundo Templo, o terreno espiritual dos mortos rephaim e dos Vigilantes

acorrentados. A caminhada de Jesus até Gadara não foi uma incursão acidental no território gentio; foi uma invasão teológica. Ele foi ao epicentro da escuridão para libertar o homem e declarar que a autoridade do Altíssimo sobre as nações havia retornado.

HEISER, Michael S. *The Unseen Realm: Recovering the Supernatural Worldview of the Bible*. Bellingham: Lexham Press, 2015, p. 338.

4. Gálatas 3:19 e o Papel da Lei diante das "Transgressões"

Em Gálatas 3:19, o apóstolo Paulo elabora uma de suas proposições mais complexas a respeito da função pedagógica e restritiva da Torah:

"Qual era, então, o propósito da lei? Ela foi acrescentada por causa das transgressões, até que viesse o Descendente a quem pertencia a promessa."

Enquanto a tradição ocidental pós-Agostinho tendeu a interpretar "transgressões" no singular, como referência exclusiva à desobediência edênica de Adão, Tyler Stewart e outros estudiosos contemporâneos argumentam que o uso do plural (tôn parabaseōn) por Paulo faz eco ao arcabouço teológico do Judaísmo do Segundo Templo.

Nessa visão, as "transgressões" referem-se à proliferação da maldade humana e ao conhecimento ilícito ensinado pelos Vigilantes (1 Enoque 7-10), que incluiu a fabricação de armas de guerra, feitiçaria, depravação e feitiços.

A Lei Mosaica foi, portanto, dada por Elohim via mediação angelical como uma medida de contenção temporária (embargo) para delimitar a santidade do povo de Israel e protegê-lo da corrupção demoníaca universal, até que o Messias viesse para desferir o golpe definitivo contra as potestades e conceder o Espírito de Santidade.

Ao afirmar que a Lei foi 'acrescentada por causa das transgressões' [Gálatas 3:19], Paulo está utilizando a categoria judaica do Primeiro Século que via a proliferação dos pecados humanos não apenas como herança do pecado adâmico, mas como contaminação progressiva decorrente da rebelião angelical de Gênesis 6. A Lei atuava como um freio profilático contra a infecção dos Vigilantes, aguardando o Messias que traria a verdadeira libertação ontológica.

STEWART, Tyler A. *Galatians and the Defeat of the Watchers*. *Journal for the Study of the Paul and His Letters*, Vol. 8, No. 1-2, 2018, p. 74.

5. A Cobertura de Cabeça e a Modéstia Cosmológica em 1 Coríntios 11:10

Dentre as passagens hermeneuticamente mais disputadas das epístolas paulinas está 1 Coríntios 11:10:

"Portanto, a mulher deve ter sobre a cabeça um sinal de autoridade, por causa dos anjos."

A interpretação desta passagem avançou consideravelmente com os trabalhos de Troy W. Martin, combinados com as análises de Heiser sobre o contexto enoqueano. Martin demonstrou que a fisiologia e a medicina greco-romana da antiguidade (textos do Corpus Hippocraticum e de Aristóteles) entendiam o cabelo longo e solto da mulher como um órgão reprodutivo secundário, intimamente ligado à absorção e retenção do fofor/fluido vital.

Para Paulo, operando em um ambiente cultural que fundia o conhecimento médico de sua época com a memória da transgressão dos Vigilantes (que foram atraídos pela beleza e pelos cabelos das filhas dos homens em Gênesis 6:1-2 e 1 Enoque 6:1-2), a modéstia no culto comunitário possuía uma razão cosmológica direta. O ato de cobrir a cabeça durante a oração e a profecia mantinha a ordem da criação (taxis), atuando como um sinal de autoridade espiritual e resguardo contra o olhar e a intrusão dos seres celestiais.

A instrução de Paulo para que a mulher mantenha autoridade sobre sua cabeça 'por causa dos anjos' (1Co 11:10) vincula-se tanto às concepções médicas da antiguidade sobre a natureza do cabelo quanto ao pesadelo cosmológico preservado em 1 Enoque. No espaço sagrado da adoração cristã, onde o céu e a terra se encontram, os limites ontológicos violados pelos Vigilantes em Gênesis 6 devem ser rigorosamente preservados no Messias.

MARTIN, Troy W. *Paul's Argument from Nature for the Veil in 1 Corinthians 11:13-15: A Test of Hypotheses*. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 123, No. 1, 2004, p. 91.

Conclusão

A leitura do Novo Testamento (Escritos dos Nazarenos) sob a lente da literatura do Judaísmo do Segundo Templo não dilui a centralidade da mensagem bíblica; pelo contrário, restaura a sua envergadura e complexidade originais. O Novo Testamento não apresenta Yeshua meramente como um mestre moral ou um reformador legal, mas como

o Ouroboros divino que desfaz os nós da rebelião cosmogônica em todas as suas instâncias:

- A mortalidade trazida pela queda de Adão (Gênesis 3);
- O domínio da depravação e do mal trazido pela rebelião dos Vigilantes (Gênesis 6 / 1 Enoque);
- A divisão da humanidade sob a autoridade dos deuses/arcontes da Terra em Babel (Gênesis 11 / Deuteronômio 32).

Através do Seu nascimento, ministério de libertação territorial, morte expiatória no calvário (despojando os principados e potestades, Cl 2:15) e ressurreição corpórea, Yeshua reconquista as nações para Elohim e inaugura a nova criação. Compreender a mentalidade do Segundo Templo enriquece a exegese do leitor contemporâneo e evidencia o triunfo absoluto do Messias sobre todas as forças visíveis e invisíveis do cosmos.

Referências Bibliográficas

CHARLESWORTH, James H. (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. Vol. 1 & 2. New York: Anchor Yale Bible Reference Library, 1983.

HEISER, Michael S. *Reversing Hermon: Enoch, the Watchers and the Forgotten Mission of Jesus Christ*. Bellingham: Lexham Press, 2017.

HEISER, Michael S. *The Unseen Realm: Recovering the Supernatural Worldview of the Bible*. Bellingham: Lexham Press, 2015.

MARTIN, Troy W. Paul's Argument from Nature for the Veil in 1 Corinthians 11:13-15: A Test of Hypotheses. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 123, No. 1, 2004, pp. 75-95.

NICKELSBURG, George W. E. *1 Enoch 1: A Commentary on the Book of 1 Enoch, Chapters 1–36; 81–108*. Hermeneia. Minneapolis: Fortress Press, 2001.

RICHTER, Amy E. *Enoch and the Gospel of Matthew*. Princeton Theological Monograph Series. Eugene: Pickwick Publications, 2012.

STEWART, Tyler A. Galatians and the Defeat of the Watchers. *Journal for the Study of Paul and His Letters*, Vol. 8, No. 1-2, 2018, pp. 62-84.

VANDERKAM, James C. *The Book of Jubilees*. Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium. Leuven: Peeters, 1989.